

A arte da história

Fernando Felizardo Nicolazzi¹

De suas feições físicas, nada sei, o tom de sua voz jamais chegou aos meus ouvidos; mas como seu pensamento me é familiar, como, em suas palavras escritas, sinto-me à vontade! Desde meu ingresso na universidade, seu nome ecoa incessantemente: dos meus amigos que foram seus alunos, o mais admirado elogio; dos seus amigos que são meus professores, a plenitude do carinho. Ainda que eu não tenha presenciado sequer uma aula, são inúmeras as lições que Francisco Moraes Paz me ensina.

Mantenho com ele uma relação peculiar e estranha: sou leitor de seus escritos, mas sou também leitor de suas leituras. Primeiro, o interesse pela pós-modernidade levou-me a alguns de seus escritos: do pensamento como aventura ao pensamento de Jean Baudrillard. Outros interesses, por conta do acaso, levaram-me a ler livros que lhe pertenciam e que traziam a marca de sua leitura: as passagens sublinhadas, as anotações no canto da página.

De repente, numa dessas andanças pela livraria do Eleotério, um encontro fortuito: na prateleira, o título saltou-me aos olhos: História como arte. Escrito no início dos anos noventa, refaz o percurso traçado pela historiografia na década anterior, período de incertezas teóricas mas também, em virtude disso, de mudanças profundas e muito bem-vindas.

O livro suporta um texto cuja beleza se insere no mesmo movimento que lhe deu nome. É dividido em dois capítulos principais. No primeiro, através das histórias escritas por Christopher Hill e Robert Darnton², recupera a questão fundamental das relações entre história e revolução, procurando escavar as utopias libertárias dos tempos modernos descritas pelos autores. Afinal, como é colocado, “nossa ‘tarefa criativa’ talvez seja a de rever o significado das utopias naquilo que elas conservam de atual”. Que fique claro, entretanto, que tal revisão tem por mérito menos trazer para o presente o que ainda lhe pode restar de passado do que modificar o presente a partir de uma nova perspectiva voltada ao passado.

Nesse sentido, tanto a obra de Hill como a de Darnton, segundo a ótica de Francisco Paz, enfatizam a participação dos desclassificados nos processos revolucionários da Inglaterra, para o primeiro, e da França, no caso do segundo. Com isso, a história é reinventada a partir da subversão da própria história, pois “ao examinarem as fraturas sociais, o fazem de modo a superar o esquecimento das práticas populares para, então, encontrar outro passado”.

1 Graduação - História/UFPR.

2 Vale salientar que um dos grandes méritos do livro é ultrapassar as fronteiras da historiografia francesa, colocando seu leitor em contato com autores ingleses (Christopher Hill, Edward P. Thompson), americanos (Natalie Davis, Robert Darnton) e italianos (Carlo Ginzburg).

O segundo capítulo, o que mais me atrai, tem como título A crônica na história e trata, em suma, da importância do escrito de história na própria historiografia. Segundo Francisco Paz, “a revitalização da narrativa e a aproximação dos temas históricos com as técnicas literárias vêm sentenciando as formas acadêmicas convencionais”. Porém, mais que a defesa cega de uma historiografia literária, traz toda a problemática de tal aproximação, pois há sempre o risco do “negócio da história” começar a ditar as normas da produção historiográfica: há a possibilidade do historiador, enquanto escritor, passar a escrever segundo interesses que lhe são alheios, como os anseios do público leitor ou do mercado editorial.

A narrativa, tal como se apresenta na historiografia contemporânea, como em Edward P. Thompson e Natalie Davis por exemplos, é mais do que mero adendo estilístico ao trabalho do historiador: é parte constitutiva da prática interpretativa das experiências passadas. A velha distinção feita por Fernand Braudel entre explicação e narração, sendo apenas a primeira o ofício do historiador, não mais se coloca. As relações entre história e verdade, por conseguinte, assumem novos contornos. Para além de um discurso que se pretenda detentor da verdade do passado, a história se constitui como um exercício de significação do mesmo, segundo a questão: para nós, hoje, o que significa o passado? Escancara-se, para quem não queria ver, a diferença absoluta entre o significado do passado para nós e seu significado para aqueles que o vivenciaram: Menocchio, perdidão na multidão de hereges condenados pelo Santo Ofício no século XVI, é hoje herói na região de Montereale, reverenciado até mesmo em camisetas, e Carlo Ginzburg, “seu escritor”, é cidadão honorário do vilarejo. A relação entre o historiador e seu objeto, não é a que se pensava até bem pouco tempo atrás!

E é neste ponto que o ensaio de Francisco Paz encontra seu lugar fundamental, pois, retornando ao primeiro capítulo, pode-se hoje pensar o passado, seu significado atual, como lugar possível de práticas libertárias motivadas por anseios e paixões de indivíduos que acabaram por se constituir como sujeitos históricos, a despeito de sua aparente “desimportância” histórica, e que foram recuperados, como personagens principais, em narrativas historiográficas. Práticas que se fizeram possíveis segundo juízos (visões de mundo, cosmogonias, ideais políticos, etc.) diferentes, e de uma diferença brusca. Práticas tais, que nos fazem pensar, hoje, como transformar o próprio presente, como torná-lo diferente do que é.

PAZ, Francisco Moraes. História como arte: ensaios sobre historiografia contemporânea. Curitiba: Aos Quatro Vents, 1999.